

LOUISIANA STORY / 1948

um filme de Robert Flaherty

Realização: Robert Flaherty / **Argumento:** Robert e Frances Flaherty / **Fotografia:** Richard Leacock, Robert Flaherty / **Montagem:** Helen van Dongen / **Assistente:** Ralph Rosenblum / **Música:** Virgil Thomson (Maestro: Eugene Ormandy) / **Assistente Técnico Musical:** Henry Brandt / **Som:** Benjamim Donniger (Mistura: Dick Vorisek) / **Gravação Musical:** Bob Fine / **Interpretação:** Joseph Boudreaux (rapaz), Lionel Leblanc (pai), El Bienvenu (mãe), Frank Hardy (técnico petrolífero), C. P. Guedry.

Produtor: Robert Flaherty Productions, Inc. para a Standard Oil de New Jersey / **Produção Executiva:** Robert Flaherty / **Assistente de Produção:** Richard Leacock e Helen van Dongen / **Distribuição:** Lopert Filmes (EUA) British Lion Films / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 79 minutos / **Estreia:** Festival de Edimburgo, a 22 de Agosto de 1948 / Divulgado em Portugal pelos Cineclubes / Inédito comercialmente em Portugal.

Louisiana Story é apresentado em "double bill" com **In the Land of the Head Hunters**, de Edward S. Curtis ("folha" distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Depois de **The Land** – o filme que marcou o seu regresso à América a seguir ao périplo pelo Pacífico, Europa e Índia – Robert Flaherty esteve vários anos impossibilitado de levar por diante qualquer projecto pessoal. Ainda tentou uma ligação ao serviço de programas de guerra na altura dirigido por Frank Capra, mas, naturalmente, as exigências do seu método revelaram total incompatibilidade com os requisitos de produtividade acelerada que eram apanágio daquele. Resultado: entre 42 e 45, nenhuma obra realizada e a sensação de que viria a ser muito improvável voltar a obter apoios para filmes de carácter verdadeiramente pessoal e independente.

Perante isso, foi com não pouca surpresa que, nesse ano do fim da guerra, uma fonte absolutamente inesperada veio ao seu encontro com um projecto único, promissora de uma liberdade que quase nunca experimentara – a não ser nas filmagens patrocinadas pelos seus apoiantes iniciais, MacKenzie e Revillon, donde saíra o seu primeiro filme (**Nanook of the North**) – e que de certo modo representava o sonho acabado de qualquer cineasta independente. Tratava-se da companhia americana de petróleo Standard Oil, que lhe sugeria que realizasse um filme inteiramente ao seu critério em que de algum modo figurasse o tema da prospecção petrolífera e segundo cláusulas contratuais que podiam ser consideradas milagrosas: a produção ficaria nas mãos exclusivas do realizador, a companhia financiadora não apareceria sequer no genérico, Flaherty não precisava de submeter à aprovação dela qualquer argumento detalhado, e, finalmente, conservaria os direitos totais de distribuição, recolhendo o produto das vendas e não tendo de devolver qualquer percentagem da verba investida.

Feito o acordo, Flaherty e a equipa instalaram-se na Louisiana – região onde, entretanto, tinha sido concebida a história, a partir da simples visão de um *derrick* em movimento por entre os pântanos – em Maio de 1946. A narrativa seria de novo centrada na figura de um miúdo, um rapaz que vivia em comunhão plena com o espaço natural e que, findo o confronto com a máquina de prospecção de petróleo, viria a integrá-la nesse mesmo mundo e no universo mágico da sua

própria imaginação. Era o prolongamento directo e o ponto culminante de todas as histórias de crianças, com as quais, ao longo de todas as obras anteriores, fizera seu o tema de iniciação (as crianças de **Nanook**, o adolescente **Moana**, o Mikelleen de **Man of Aran**, o Toomai de **Elephant Boy**). Era também, neste caso específico, e por via de relação privilegiada com a figura do pai do rapaz (com quem, aliás, Flaherty também estabeleceu um processo de identificação, dir-se-ia até ao nível da postura física), uma natural referência autobiográfica, evocando a infância do jovem Robert nas minas e nos acampamentos em que acompanhara o pai, ao longo da fronteira do Norte.

O resultado – sob o nome de **Louisiana Story** – foi então o último filme de Robert Flaherty, a sua quarta obra autenticamente pessoal e a verdadeira quintessência do seu universo, aí incluindo a transcendência pela profundidade de observação, o olhar panteísta, a visão mágica da infância, a intimidade do discurso (que, como dizia Renoir, nos faz sentir a presença do autor por detrás da cada objecto da natureza), e o próprio *sacrifício* (toda a história pode ser lida com uma prova sacrificial de transformação do rapaz e da natureza, dando origem a um estádio superior em que a máquina é igualitária e utopicamente integrada).

De tudo isto, salientamos seis aspectos:

- A integração da máquina: Flaherty responde aqui à interrogação e ao voto formulado no final do comentário de **The Land** sobre o uso positivo da técnica; o *derrick atravessa* um espaço natural que, por esse motivo, não é violentado; a máquina vem partilhar um momento de alteração mágica da natureza, deixando-a mais rica, e ao mesmo tempo *recebe* da natureza a poção pacificadora (o sal de Alexander Latour);
- a geração dos seres e das coisas a partir do espaço natural: o miúdo *nasce* das águas e ciprestes do pântano exactamente do mesmo modo como acontece com o *derrick*;
- a identificação mútua entre Alexander Latour (Joseph Boudreaux) e os restante habitantes (animais) do pântano: a expressão anímica do miúdo e o jogo repetido dos seus movimentos com o *racoon*, em prolongamento do que sucedera já com os muito trabalhados planos de Sabu e o elefante na Índia;
- a figura do pai: a postura de Lionel Leblanc – a sua presença e a sua voz, não trabalhadas pelo cinema ou por qualquer estúdio – como o outro lado da força natural destes seres e como extensão óbvia do patriarcalismo de Flaherty;
- a prova sacrificial: o tempo de perturbação telúrica causado pelo acidente com o *derrick* coincide com a *prova* que é exigida a Alexander Latour através da luta (de ressonâncias épicas ou mitológicas) com o jacaré e a ausência temporária do *racoon*; o sacrifício iniciático do rapaz ocupa aqui o papel do sacrifício da tatuagem vivido por **Moana** e coincide com o (ou é também *representado* pelo) sacrifício do mundo natural;
- o efeito sinérgico dos vários parâmetros cinematográficos na criação do sopro mágico e panteísta que triunfa logo na sequência da abertura: em certo sentido, esta sequência é, ela própria, a quintessência flahertiana, concentrando todo o universo criador atrás evocado; a voz de Flaherty tem aí um papel absolutamente determinante, não só pelo modo encantatório como faz a sua entrada ("*His name is Alexander Napoleon Ulysses Latour...*") mas pelo modo como rompe de forma minimal o silêncio da natureza, parecendo mais vir, afinal, *escutá-la*, do que, propriamente, perturbá-la.

A beleza e a magia de **Louisiana Story** terminam e resumem da melhor forma a obra de Robert Flaherty.

José Manuel Costa